

Com quantas memórias se faz o sagrado? Narrativas e narradores da “Nova Jerusalém”

*Francisco Régis Lopes Ramos**

Resumo

O presente artigo aborda alguns aspectos da imbricação entre sagrado e profano na constituição do espaço de Juazeiro, enfocando mais especificamente a circulação de memórias que fizeram e ainda fazem a multiplicidade das narrativas sobre a “Nova Jerusalém”.

Palavras-chave: Juazeiro, Padre Cícero, romeiros, espaço, sagrado, profano, memórias, narrativas.

Nas notícias que corriam pelas matas da caatinga em fins do século XIX, Juazeiro despontava como uma boa opção para os desvalidos em busca de sobrevivência. No livro “O Baixo São Francisco, o Rio e o Vale”, publicado em 1907, Moreno Brandão observava:

[...] se nenhum dos grandes acontecimentos nacionais teve grande repercussão entre os moradores do baixo São Francisco, os milagres do Padre Cícero Romão Baptista e a Campanha de Canudos preocupavam fortemente as populações ribeirinhas. (ALVES, 1948, p. 93)

Foram muitos os que chegaram a Juazeiro ou Belo Monte, como romeiros ou migrantes à procura de novo endereço.

A primeira aparição pública do “Milagre de Juazeiro” foi em março de 1889. A hóstia transmutava-se em sangue quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914) recebia a comunhão da missa celebrada pelo Padre Cícero. A partir de então, os sertanejos começaram a alimentar crenças sobre o poder miraculoso do Padre Cícero, criando rituais e narrativas em torno das forças do sagrado que aliviam os sofrimentos do viver. Desse modo, apareceram as primeiras romarias para o pequeno povoado de Juazeiro.

À medida que Juazeiro se tornava um centro de romarias e de desenvolvimento econômico, Padre Cícero assumia a condição de poderoso dono de terras, conquistando grande prestígio nos jogos da política. Foi o primeiro prefeito de Juazeiro (em 1911), influenciou o resultado de eleições e promoveu o crescimento da cidade com seu carisma religioso e suas ligações políticas.

Enquanto o Bispo do Ceará, D. Joaquim Vieira, lançava vários protestos contra o “fanatismo dos sertanejos”, aumentavam as crenças sobre a existência de milagres em torno do Padre Cícero e da Beata Maria de Araújo. O povoado transformava-se em um lugar sagrado, atraindo um impressionante número de romeiros. Mesmo com as várias proibições da Igreja, o fluxo de peregrinos foi, paulatinamente, aumentando.

A grande maioria dos migrantes que faziam a cidade aumentar de tamanho estava movida pela fé nos poderes do Padre Cícero.

Afinal, a busca por uma melhor condição de vida se encontrava, muitas vezes, entrelaçada com vivências do sagrado. A experiência religiosa – vivenciada, também, como tática de sobrevivência – era o grande motor, mas o crescimento do comércio foi, paulatinamente, se transformando em vultoso atrativo. As atividades artesanais ou industriais e as transações de compra e venda foram assumindo uma proporção mais significativa para quem desejava montar um negócio ou arranjar um emprego. Em outros termos: Juazeiro continuava a ser uma cidade sagrada, mas também se desenvolvia como cidade profana.

Constituindo-se em espacialidades flexíveis, marcadas por cruzamentos de temporalidades e fronteiras transitórias, a Juazeiro profana crescia em conflituosa simbiose com a Juazeiro sagrada, em um processo de urbanização marcado por romarias, movimentos migratórios e um rápido crescimento das regiões periféricas, onde a pobreza denunciava um contraste flagrante com os habitantes da zona central.

Hoje, Juazeiro é uma das maiores cidades do Ceará. Nas suas ruas estão as marcas do sagrado e do profano: no território onde oromeiro pede ou agradece “uma graça do Padrinho Cícero” há uma desenvolvida atividade comercial que se destaca pela variedade de mercadorias em circulação.

O presente artigo aborda alguns aspectos desse misto entre sagrado e profano na constituição do espaço de Juazeiro, enfocando mais especificamente a circulação de memórias que fizeram e ainda fazem a multiplicidade das narrativas sobre a “Nova Jerusalém”.

A igreja do fim do mundo

A igreja na Serra do Horto (antes chamada de Serra do Catolé) começou a ser erigida em 1890. Era o cumprimento de uma promessa feita por Padre Cícero e três colegas, com a finalidade de caírem chuvas no humilde povoado, acabando assim com uma grande seca. Entretanto, em 1896, quando as paredes estavam com cer-

ca de quinze metros de altura e dois metros de largura, Dom Joaquim mandou que parassem a construção. Dizia que a obra era fruto do fanatismo. Mas veio a reação: mesmo com o impedimento, o que já estava construído não perdeu a sacralidade. A construção tornou-se um local intensamente visitado pelos peregrinos. Nem a nova proibição do Bispo em 1903, nem a completa destruição das paredes, promovida pelos padres salesianos em 1939, conseguiram diminuir os atos de devoção. Pelo contrário, as romarias continuaram a crescer.

Com os trabalhos de edificação do templo, os romeiros afirmavam que a Serra era o Jardim das Oliveiras. O sinuoso caminho coberto de pedras que desembocava na igreja era, no imaginário dos peregrinos, o caminho do Calvário. Na mesma serra, havia a Capelinha do Santo Sepulcro onde, até o fim da vida, o beato Manoel João recebia esmolas dos romeiros que por lá transitavam. Perto, existia um olho d'água, a "Fonte de Santa Ana, cujas águas eram milagrosas e usadas pelos romeiros que dela conduziam garrafas para as remotas paragens." (DINIS, 1935, p. 101). O riacho do Salgadinho ganhou novo nome: rio Jordão. A própria serra era o Monte Calvário, onde não apenas Cristo sofrera o martírio, mas também o Padre Cícero havia recebido sua "coroa de espinhos", sendo perseguido e injustiçado pelos poderosos da Igreja. Para completar a redefinição espacial, Juazeiro era transformado na "Nova Jerusalém", à espera de um novo aparecimento de Cristo. Conta-se que, no início do século, o povo marcou, por duas vezes, a data de uma triunfante aparição do Salvador, mas, por duas vezes, sua chegada foi adiada. Apesar do insucesso nas previsões, a espera continuava. A (re)produção das crenças em torno de Juazeiro e do Padre Cícero não mostrava sinais de desânimo (DELLA CAVA, 1985, p. 138).

A construção da igreja do Sagrado Coração se desenvolvia em rituais que estavam fora do catolicismo ortodoxo. Sem o comando de uma "autoridade competente" (BOURDIEU, 1982) – ou seja, um membro da hierarquia clerical –, vários devotos trabalhavam em um ritmo litúrgico, feito de dor e prazer. Erguer a obra era uma grande oração coletiva, alegre e triste. O trabalho realizava-se em penitência e festa. Todos os dias era possível ver grupos de ho-

mens e mulheres que, sob o comando de um beato, realizavam os serviços entoando benditos, juntamente com uma pequena banda de música, composta por dois pífanos, um bombo e um tambor (PIMENTA, 1949, p. 42).

Em seu testamento de 1923, o Padre Cícero fez o seguinte pedido: “Suplico aos mesmos padres (Salesianos) que terminem a construção da capela do Horto. [...] de acordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em folha-de-flandres que deixo em lugar bem seguro.” Em seguida, ele ressaltou que, “muito a contragosto”, não pôde terminar a obra – fruto de uma promessa – tão somente para não desobedecer às proibições do então Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira. Ao soltar um pouco dos sentimentos reprimidos, o Padre Cícero deixou mais um registro de revolta diante do seu superior, não de modo radical, e sim procurando um meio-termo, bem ao estilo que caracterizou toda a sua vida: não desobedeceu ao Bispo, mas pediu no seu testamento que, em algum lugar do futuro, a igreja fosse concluída.

Na memória dos devotos, a retomada da construção foi associada a uma infundável tessitura de crenças sobre o Fim das Eras. Diante das paredes inacabadas, surgiram novos significados. Os romeiros começaram a dizer que o término da construção da igreja seria o fim do mundo. A partir de uma proibição, as crenças foram reelaboradas. A sacralização era um ato de poder, um manifesto da fé e, ao mesmo tempo, uma forma de alimentá-la. A devoção produzia espaços, assim como os espaços produziam devoção.

No imaginário dos peregrinos, a Igreja era muito mais do que o fruto de uma promessa. De acordo com o poeta João de Cristo Rei, o Padre Cícero dizia que a construção era uma vontade do Criador: “Aquele formato da Igreja Santa / quem me deu a planta foi Nosso Senhor / a obra que fiz naquele sistema / foi ordem suprema do meu Criador”. (Folheto “A Profecia de Padrinho Cícero sobre a Igreja do Horto”).

Outro folheto de Cristo Rei que tratou desse mesmo assunto foi “Profecia de Padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do Horto e do rio Jordão”. Vale a pena citá-lo na íntegra:

Meu Padrinho Cícero nos dizia assim
Aprendam de mim minha profecia
Para apresentá-lo ao bom romeiro
Quem em Juazeiro fizer romaria

Não deixem os costumes do regime antigo
Para o inimigo não vos enganar
Fechem as suas portas e abram as janelas
E vejam por ela o que vou narrar

Quando a besta fera estiver no poder
Que o povo correr de suas moradas,
Então dez famílias em meu Juazeiro
Por cada Romeiro serão amparadas

E nesse momento da perseguição
Sobe um paredão cerca o Juazeiro
Fica a besta fora querendo invadir
Para destruir meu povo romeiro

Nisso a besta manda nos cercar por fora
Mas Nossa Senhora do Céu se apresenta
Então os Romeiros de Deus Nosso Pai
Do círculo não sai nem de fora entra

Juazeiro fica trancado e seguro
Cercado de muro sem contradição,
Seu grande mistério se estende e cresce
E nisto aparece o Rio Jordão

Quando o grande Rio se desencantar
O porto será em frente à Igreja
Nesse tempo um jovem só com pescaria
Sustenta a família por maior que seja

Antes que o rio abaixo o monte
Abra sua fonte para correnteza,
Três grandes estrondos nós iremos ver
Para se fazer do mundo a limpeza.

No primeiro estrondo uma parte morre
Outra Deus socorre para os corrigir,
Porém no segundo quem for ruim se finda
Mas os bons ainda vão subsistir.

No terceiro estrondo morre toda gente
Que da má semente tiver pretensão
Só escapa aquele que Deus permitir
Para construir nova geração.

Quem dos três estrondos com vida escapar
Irá se apossar da melhor morada.
As coisas que os ricos deixam em abandono
Ele é quem é dono não lhe falta nada

Não haverá mais nem uma pessoa
De regime a tã e costume estranho
E no globo em massa de Nosso Senhor
Só fica um Pastor com um só rebanho

Nesse tempo santo nosso bom Jesus
Resplandece a luz da religião
Só fica quem tem por mecê divina
Uma só doutrina e um só coração.

O sítio encantado que o horto tem
Se verá também com frutas maduras
Nesse tempo as pedras se transformam em pão
Para remissão das gentes futuras.

Então a Igreja do Horto há de ser,
Para se fazer no tempo futuro
Pela mesma planta por mim reservada
Que deixo guardada em lugar seguro

E quem trabalhar na construção dela
Terá parte nela como eu tenho a minha
No primeiro andar da arca de Noé
Pois nela com fé botei uma taubinha.

Enoque e Elias pela minha planta
A Igreja santa são que vem fazer,
E eu sou quem faço da consumação
O último sermão para o mundo ver.

Depois, que a Igreja estiver terminada
No chão da chapada como a ordem veio,
Segundo o decreto da Santa Natura
O mundo só dura três anos e meio.

Sobre a invasão das águas, foi difundida, na região, uma lenda originária dos índios Cariris. De acordo com a tradição oral, o Vale estava em um tempo edênico (exemplo de uma “idade do ouro” no passado). Depois, a infelicidade chegou com o branco colonizador que expulsou, massacrou e escravizou os nativos. Em face dos sofrimentos, abandonaram o espaço que outrora era um mundo de terras dadivosas. Mas, antes de partir do Vale, o indígena tapou as principais nascentes d’água que brotavam nos pés-de-serra com cera de abelha e troncos de angico. No futuro, o paraíso voltaria, depois de uma inundação para destruir os maus.

O historiador e folclorista José Alves de Figueiredo Filho (1960) assim registrou a narrativa sobre o restabelecimento da “idade do ouro”:

Mais tarde, o Kiriri, escondido por sortilégio de algum pajé, voltará triunfante para retomar suas antigas posses, devassadas e roubadas pela ganância do branco. As nascentes serão destapadas e as águas impetuosas inundarão sítios e cidades. A imagem de Nossa Senhora do Belo Amor, a mesma da antiga Missão do Miranda, boiará sobre as águas, na cama de uma baleia, que dizem existir debaixo do altar da Virgem na antiga matriz, hoje Catedral. Os índios dela se apossarão e, quando a inundação amainar, por milagres da Santa, tomarão conta da terra e nunca mais cederão a outros conquistadores. Erigirão outra capela à imagem querida e a paz reinará, ininterruptamente, sobre o vale. (FIGUEIREDO FILHO, 1960, p. 25).

Na poesia popular do Sertão, o mito da “idade do ouro” apareceu em narrativas que falavam sobre a existência de um mundo paradisíaco, onde haveria fartura, ausência de sofrimento e, em certos casos, imensurável abundância de ouro ou dinheiro. Esse espaço de felicidade geral poderia se localizar no passado, no presente ou no futuro. Nos sertões, o mundo paradisíaco do presente foi composto, por exemplo, na lenda de São Saruê, como lugar onde não haveria pobreza e todos seriam ricos e felizes. De acordo com o poeta Manoel Camilo, no folheto “Viagem a São Saruê,” “tudo lá é bom e fácil /

não precisa se comprar / não há fome nem doença / o povo vive a gozar / tem tudo e não falta nada / sem precisar trabalhar.” (CAMILO apud PONTES, 1979, p. 55).

A “Idade do Ouro” anunciada pelo poeta Cristo Rei era rural. Não haveria, nesse futuro dadivoso, a presença da máquina como um veículo de felicidade. De forma geral, a Literatura de Cordel não sofreu influências significativas do movimento ocidental de glorificação da tecnologia. Suas utopias foram movimentadas por desejos como viver em terras férteis onde existiria uma imensurável quantidade de alimentos, sem a necessidade do trabalho. O homem desse tempo seria, antes de tudo, aquele que colhe seu pão de cada dia na farta e generosa natureza.

O inevitável castigo dos pecadores funcionaria como um alerta para os ímpios e uma esperança para os verdadeiros cristãos. Em uma linguagem religiosa, o poeta condenava sua sociedade e sonhava com o novo mundo, sem a exploração sofrida pelos pobres. É uma composição poética de quem via o sofrimento dos pais que não tinham a possibilidade de dar mesa farta para a família. Ele mesmo estava incluído nessa legião de explorados.

Cristo Rei condenou as relações sociais das quais ele fazia parte, com base no seu vocabulário religioso: os comerciantes desonestos ou qualquer um que usasse de meios ilícitos estariam do lado do mal e, mais cedo ou mais tarde, seriam castigados.

No aparecimento desse tempo feliz, acontece uma purgação: três estrondos eliminam “quem for ruim” ou aqueles “que da má semente tiver pretensão”. Assim, o rico é visto como um pecador e não somente como aquele que “protege os pobres”. A partir da fé em um grande Padrinho, acontece, portanto, uma certa ruptura na ideologia dominante, ou seja, no valor do apadrinhamento.

Ao impedir a conclusão das obras, D. Joaquim alimentou o inverso do efeito por ele desejado: a inexistência material da igreja não significou ausência. A imagem do que não pôde ser na concretude foi construída com impressionante vigor. O ausente gerou uma profunda presença. A proibição assanhou, ainda mais, as narrativas sobre a “Nova Jerusalém”. Sempre eivada de mistéri-

os, a interrupção gerou um poderoso excitante para a memória dos devotos: a conclusão da igreja motivou ligações com utopias e o final dos tempos, como mostraram os folhetos de Cristo Rei.

João de Cristo Rei foi um dos primeiros poetas que deram ressonância ao imaginário dos peregrinos. Juntamente com outros devotos, como José Bernardo, Manoel Caboclo ou Severino do Horto, Cristo Rei encarnou uma fé que encontrava no Cordel uma forma de expressão (e devoção). Seu verso e sua vida de devoto do Padre Cícero tornaram-se partes constitutivas do território sagrado de Juazeiro. Foi um dos milhares de romeiros que, depois de algumas romarias, decidiram morar em Juazeiro.

O primeiro trabalho de João Quinto Sobrinho, que depois ficaria conhecido como João de Cristo Rei, foi na roça, enfrentando o desafio de tirar da terra o próprio sustento. Vivia no desejo de estudar para ser padre. Em depoimento para o Projeto Literatura de Cordel, em 1977, ele lembrou, com tristeza, que não teve condições de concretizar o seu sonho: “Eu não pude estudar, naquele tempo o Sr. compreende, era um tempo atrasado. Meus pais não tiveram possibilidade.”

Em 1927, ele visitou Juazeiro pela primeira vez. Lá, encontrou seu grande líder espiritual – o Padre Cícero – e o alimento de sua futura atividade poética (ou melhor, profética). Em 1930, depois de algumas peregrinações, apareceu o primeiro folheto, como mostra o seu depoimento:

[...] eu vim a Juazeiro, onde encontrei uma novidade, lá onde eu estava arranchado me contaram uma novidade de um caso que estava se dando de uma moça contando história de outro mundo... Eu achei interessante, eu digo, eu entendi de fazer um versinho, então tirei de minha mentalidade umas rimas. Fiz um versinho. Um tanto errado e coisa e tal, mas que saiu de gosto. Cheguei aqui, fui ler pro meu Padrinho Ciço, ele achou muito bonito e disse: ‘Você de ora em diante vai ser poeta. Vai ser poeta.’ Meu Padrinho, eu não tenho nada o que escrever, porque sou um tanto ignorante e não tenho assunto nenhum. O Sr. me dê aí um assunto [...] ‘Faça o que você quiser e fizer, que tudo quanto você quiser e fizer eu dou por bem-feito.’

Pronto, daí por diante eu comecei a escrever. Deixei aquela vida do pesado e foi o tempo que me casei. (João de Cristo Rei).

Em 1931, João Quinto escolheu Juazeiro para morar com a família. Abraçou, então, o ofício de poeta popular, escrevendo folhetos, procurando gráficas para imprimí-los e viajando para vendê-los pelas feiras do Sertão. Certa ocasião, quando estava em Russas (CE) para imprimir alguns cordéis, Quinto Sobrinho teve uma inesperada dor no tórax, fato que o levou a fazer uma “promessa com Cristo Rei”. Ficaria com novo nome – João de Cristo Rei – caso recuperasse a saúde.

Depois da graça alcançada, o poeta registrava em seus folhetos o seguinte:

AVISO: achando-me gravemente enfermo sem esperança de cura, recorri a Cristo Redentor, no sentido de curar-me com promessa de mudar meu nome. Acho-me hoje são, pelo que, em sinal da gratidão, meu nome é hoje João de Cristo Rei, em vez de João Quinto Sobrinho. (João de Cristo Rei).

De 1930 a 1983 (ano em que um problema de circulação sangüínea tirou-lhe a vida) Cristo Rei guardou em versos impressões sobre o que viu, ouviu e sentiu. Escreveu cerca de uma centena de folhetos. Muitos títulos perderam-se no tempo ou ficaram depositados em algum baú velho e esquecido.

Em grande parte de sua produção está o Juazeiro dos devotos, uma cidade que é feita em múltiplas dimensões: desde a vivência do corpo dos romeiros em contato com o chão onde mora o “Padrinho” até os versos do Cordel impressos em papel-jornal. Desde o devoto que sussurra uma oração em sua intimidade até o bendito que todos cantam em voz estridente, no caminhar da romaria. Desde a imagem do “Padrinho” em gesso que o peregrino tem no oratório doméstico até o túmulo no Altar da “Capela do Socorro”. Desde a preocupação com a vida eterna até os ritos que procuram alívio para as dores do cotidiano. Desde a crença nos poderes da

Igreja até a defesa explícita ou implícita em torno do “Padrinho”, que era um padre suspenso de ordens.

Fronteiras cambiantes

Por volta de 1911, foi construído o primeiro esquema de iluminação nas vias públicas da parte central de Juazeiro. A partir de então, as noites foram clareadas por lamparinas que, protegidas por um abajur feito de vidro e flandre, ficavam penduradas em postes de madeira. Cerca de dois anos depois, os candeieiros de querosene foram substituídos por um sistema que funcionava com acetileno.

Em um livro de crônicas publicado em 1980, sobre a história da cidade, Valter Barbosa afirmou que a instalação das lamparinas de querosene, bem como a posterior geração de energia elétrica, fazia com que Juazeiro se colocasse como uma “cidade que andava ‘pari passu’ com as mais importantes da época”. No seu entender, isso mostrava que a “Terra do Padre Cícero” sempre “acompanhava a evolução dos tempos” (BARBOSA, 1980, p. 44, 45).

No texto de Valter Barbosa, a história da iluminação de Juazeiro encarnava um valor simbólico: garantia que o espaço não estava fora do tempo e, portanto, assegurava que o lugar não poderia ser chamado de antro do fanatismo. Suas crônicas faziam parte das vivências de habitantes da cidade que procuravam se distanciar da experiência religiosa dos peregrinos.

Nas últimas páginas do livro “História do Fanatismo no Ceará”, publicado em 1959, o historiador Abelardo Montenegro mostrou-se bastante animado com o empenho e os resultados do Comitê Pró-Eletrificação do Cariri, que tinha o objetivo de trazer para a região a energia da Usina de Paulo Afonso:

Muitos anos ainda decorrerão até que o fanatismo desapareça e o padre Cícero surja aos olhos do rurícola, apenas, como um fundador da cidade e não como ser sobrenatural. Quando isso ocorrer, o homem nordestino já estará alforriado de muitas escravidões: econômica, social, mental e mesológica. Auxiliado pela técnica, já terá

transposto montanhas. Até lá, entretanto, deve ser posta em prática a fórmula: democracia tridimensional + eletrificação = progresso. Só essa fórmula será capaz de transformar o homem nordestino, imunizando-o contra o vírus do fanatismo religioso. (MONTENEGRO, 1959, p. 100).

Com a chegada da eletrificação, em 1961, houve mais uma divulgação de discursos que construíram significados para a espacialidade de Juazeiro. O “Correio do Ceará”, um dos jornais que deram notícias sobre a inauguração do sistema de transmissão da energia de Paulo Afonso, dedicou largo espaço de suas páginas para a reportagem “Administração de Conserva Feitosa contribuiu decisivamente para o progresso de Juazeiro”.¹

Além da chegada da eletricidade, a construção da Estação Ferroviária de Juazeiro, em 1926, foi um elemento bastante usado para definir a cidade como lugar do progresso. Misturando valorização do progresso e louvação em torno do Padre Cícero, Valter Barbosa mencionou que, de acordo com o projeto inicial, a estação seria construída nas proximidades da praça Almirante Alexandrino de Alencar, ou seja, na área central da cidade. Entretanto, a vontade do Padre Cícero prevaleceu: a estação foi construída numa área distante do centro. Para o cronista, o “fundador de Juazeiro” estava, na verdade, prevendo o crescimento da cidade (BARBOSA, 1980, p. 81).

Padre Cícero e Juazeiro, ou seja, criador e criatura estavam em sintonia com a modernidade: a ferrovia “era mais um marco de progresso”, ressaltava Valter Barbosa (1980, p. 83). Nas memórias do cronista emergiram as representações mitológicas, que, desde meados do século XIX, falavam sobre a ferrovia como uma maravilhosa invenção da ciência que trazia desenvolvimento e mais substância para a integração territorial da nação.

A luz e os trilhos eram inventos da tecnologia moderna e que aparecem na memória de antigos moradores da cidade como características de um espaço em consonância com a evolução do tempo. Constituíam-se, então, um campo de possibilidades imagéticas que procurava delinear ou deslindar uma cidade onde não havia o tão falado fanatismo dos romeiros.

Por outro lado, vale frisar que as fronteiras nem sempre ficam claras. Nas crônicas ou nas tradições orais, não é raro encontrar imagens do progresso que se (con)fundem com a experiência religiosa dos peregrinos. Por exemplo: a chegada da energia de Paulo Afonso aparece na memória de muitos habitantes como um fato envolvido em forças do sobrenatural. Emergem, então, indícios de uma religiosidade que se mistura com valores do desenvolvimento tecnológico. De acordo com o depoimento de um antigo morador da cidade:

O Padre Cícero dizia que o São Francisco ainda ia invadir o Juazeiro. Aí o povo chegava e dizia: 'como é que pode?' Ninguém entendia direito. Depois ficou claro: era a energia do São Francisco. Mas o povo mais fanático pensava que o Juazeiro ia ficar inundado. Muita gente tinha medo de fazer casa em lugar mais baixo, ali perto do Horto. (Depoimento do Sr. Jaime, antigo morador da cidade, 1998).

A relação entre as memórias sobre a palavra do Padre Cícero e a constituição da espacialidade de Juazeiro assume sentidos diferenciados. Por exemplo: para uns, a inundação ainda irá acontecer. Para outros, as águas já chegaram, através de fios elétricos. No caso do depoimento citado, a profecia do Padre Cícero está relacionada ao progresso. Constitui-se uma urdidura de temporalidades: a profecia confunde-se com previsão da inteligência, a religiosidade se entrelaça com a experiência racional e, ao mesmo tempo, acontece uma distinção entre religião e fanatismo. Outro discurso emblemático dessa religiosidade é a narração sobre as pedras e os riachos do Horto:

Tem coisa que o Padre Cícero falava e o povo não entendia. Padre Cícero dizia que as pedras do Horto ia virar cuscuz e a água dos rios ia virar leite. Depois a gente viu que era verdade. Veja: essas pedras aqui do calçamento da cidade, é tudo pedra do Horto. Quer dizer: o pobre tirava as pedras lá do Horto e ganhava dinheiro. Ganhava o sustento, o pão de cada dia. Aí tem gente que não entende isso direito. (Depoimento de Senhorzinho Ribeiro, antigo morador da cidade, 1998).

Temas que guardam íntima relação com o desenvolvimento linear da história, como a construção da ferrovia ou a luz elétrica, ganham outras camadas de significação quando estão na voz do devoto. Para o poeta Severino do Horto, a estrada de ferro de Juazeiro enfrentou um inesperado obstáculo:

O engenheiro que veio fazer a estrada de ferro quis furar um buraco na serra. Aí foi falar com o Padrinho Cícero: 'Eu estou no plano de fazer a passagem do trem dentro da serra'. Aí, ele falou: 'Bem, se você conseguir... pode fazer... Mas se eu fosse você eu não mexia nesse lugar'. Aí começaram a furar a serra. Com pouco, o engenheiro viu que a serra estava cheia d'água e disse: 'Pára, pára!!! Que isso não vai dar certo. Eu nunca vi uma coisa dessa!' Pois bem, aí tem um mistério. Muita gente diz que o Horto é encantado. E eu também acredito. Aí é que tem a Nova Jerusalém. (Severino do Horto. Depoimento dado ao autor, 1999).

A Serra do Horto afirmou-se no imaginário dos devotos como a espinha dorsal da "Nova Jerusalém", visível e invisível. Tese e antítese que não chegaram a uma só síntese. Em duas entrevistas, uma em meados de 1999 e a outra no início de 2000, Severino apresentou duas explicações para a existência da "Nova Jerusalém". Juntamente com várias narrativas de outros devotos, a voz de Severino fez parte de um caleidoscópio de histórias reinventadas, ou melhor, atualizadas conforme o vocabulário do narrador disponível no momento:

Bem, aí é um mistério. Não é Jerusalém, porque Jerusalém, todo mundo sabe, é em outro lugar. Mas é uma cópia, do mesmo jeito. Aí é também Jerusalém, porque tem esse mistério. Pronto, é uma xerox. A gente tira a xerox da carteira de identidade e aí é a mesma coisa da carteira. (Depoimento de Severino do Horto, 1999).
A Nova Jerusalém é porque Nosso Senhor vendo que a Jerusalém era muito longe aí fez uma mais perto. Mais perto, aí dá oportunidade pra todo mundo. A passagem de ônibus é mais barata ou quem quiser vem a pé mesmo. (Depoimento de Severino do Horto, 2000).

Uma xerox feita pela Providência Divina para os pobres que não podem comprar uma passagem. Misturando um invento da tecnologia com o alto preço do transporte, Severino falava com seu vocabulário, ou melhor, com significações envolvidas na vida cotidiana.

Eis a vitalidade dessa experiência religiosa: seu poder de atualização, não a partir de uma lógica abstrata, mas calcada nas questões vivenciadas no dia-a-dia. A memória que constitui a sacralidade de Juazeiro move-se em uma urdidura de temporalidades.

O centro da “Nova Jerusalém” é a Serra do Horto e o centro da Serra do Horto é o “Santo Sepulcro”. Para chegar até lá, o romeiro singra uma vereda cheia de pedra e poeira, que começa atrás da grande estátua inaugurada em 1969. São mais de seis quilômetros sob a quentura do sol. Mas a fé engana o cansaço de quem procura o sagrado. Desde o tempo em que o Padre Cícero era vivo até hoje, o número de devotos que vai ao Santo Sepulcro sempre esteve em acelerado crescimento.

Em uma das sete capelas do lugar foi enterrado o Beato Manoel João, um penitente que vivia isolado pelas matas do Horto. Nas tradições, fala-se que esse é o túmulo de Jesus.

Acredita-se que, sobre as pedras, há inscrições feitas pelo dedo milagroso do Padre Cícero: “Quando meu Padrim vinha aqui, ele viu essas pedras, aí disse: ‘oh, que pedra boa de escrever... Aí ele escreveu.’” (Depoimento de Severino do Horto, 1999).

Em época de romaria, como no dia dos finados ou de Nossa Senhora das Candeias, o caminho fica coberto de devotos e pontilhado de pedintes e vendedores ambulantes, que negociam de tudo um pouco: desde o “dindim” para arrefecer o calor e adocicar a boca, até o rosário, que é a maior defesa contra os males do mundo.

No meio das sete capelas, há uma grande pedra dividida em duas partes. Quem passa pela brecha, limpa a alma. Não raramente, o devoto sai com a roupa rasgada e cheio de arranhões. Em certos casos, fica entalado entre as pedras, mas é logo resgatado pelos circundantes. De qualquer forma, é fundamental realizar os rituais de contato com o espaço sagrado, pois a fé se nutre na medida em

que se materializa em gestos, que vão desde a oração até o ato de colocar o corpo em atrito com as pedras do Santo Sepulcro, ou com uma estátua do “Padrinho”.

Com maior ou menor intensidade, os rituais purgatórios foram acontecendo em situações nas quais o corpo tornava-se a medida e o meio. Além da passagem entre as pedras, havia o costume de levantar a mesa do Padre Cícero, que ficava exposta na casa onde ele morreria. Quem não conseguia tirar a mesa do chão, estava cheio de pecados, pesado. Há uns dez anos, a relíquia foi trancada com grades em um quarto. Por dois motivos. Primeiro: de tanto movimento, as pernas da mesa se quebraram. Segundo: estava aumentando o número de devotos que desmaiavam com a força que faziam. Muitos deslocavam partes do braço ou da coluna.

Hoje, ninguém pode pegar na mesa, mas muitos outros rituais foram constituídos. Por exemplo: no quintal dessa mesma casa, ergueu-se uma pequena capela, onde se fixou uma imagem do “Padrinho”, com dois metros de altura. Além das várias orações, dos nomes de devotos escritos na parede, dos pedidos e dos agradecimentos, foi composto um rito que coloca o corpo do fiel em contato mais íntimo com o sagrado. Percebendo que havia um pequeno espaço entre as costas da estátua e a parede, alguém teve uma idéia que virou tradição: passar lentamente por trás do “Padrinho”. Já que o lugar é muito estreito, todos os corpos entram em atrito com a batina.

A “Nova Jerusalém” é um espaço encantado, subterrâneo. Existe, mas não está visível. Afinal, a falta dos olhos não atrapalha a fé, pois ver sem os olhos é o mistério dos mistérios, a mais funda intuição do devoto:

Tinha um Beato que era cego. E ele subia e descia o Horto e acertava o caminho bem direitim. Num batia em nenhuma pedra. Aí foram perguntar ao Padrinho Cícero: ‘Como é que ele acerta sem bater em nada?’ ‘É porque a vista dele não é pra fora... É pra dentro.’ (Severino do Horto).

Ao narrar a experiência de um Beato cego, Severino do Horto fala sobre o encantamento da “Nova Jerusalém”, através de tradições que relacionam a cegueira com outra forma de ver, ou melhor, com uma visão superior.³

A cegueira, diz Nelson Brissac Peixoto, “é muitas vezes o preço a pagar por aquele que tem de oferecer seus olhos para ter acesso a uma luz interior. [...] Para iluminar o interior, a luz divina faz cair a noite em todo o céu.” A revelação se faz para os olhos que se fecham. O devoto que chora ao lado do túmulo do Padre Cícero enxerga no escuro: “A cegueira que abre o olho não é aquela que obscurece a vista. A cegueira reveladora, que expõe a verdade da visão, é o olhar velado pelas lágrimas. O visionário tem os olhos turvos”. (PEIXOTO, 1998, p. 116).

O olho que lacrimeja diante das imagens do santuário doméstico, ou em face da grande estátua do Horto, penetra nos devaneios do mundo sagrado: “a aspiração da alma a perder-se no infinito não pode encontrar satisfação no simples espetáculo que se pode abarcar com a vista”. O sublime, a luz do sagrado não emerge para olhos arregalados. O Barroco trabalha com dimensões mais indeterminadas, com fronteiras mais indefinidas, em jogo de luz e sombra: “O ‘olho semicerrado’ não é receptivo à linha, ele deseja efeitos mais difusos: a grandeza esmagadora, a extensão infinita do espaço, a magia inapreensível da luz.” (PEIXOTO, 1998, p. 116).

Antes de ser uma visão, essa é uma “invisibilidade barroca”, ou melhor, uma forma historicamente situada da claridade que se vê no escuro da vista, em jogo turvo de sombra e luz. As figurações do invisível que aparecem ao olhar do devoto ou de um místico são mediadas pela experiência social. Mesmo as inovações partem de uma crença oficialmente instituída. É por isso que o historiador Gershom Scholem (1997) formula a seguinte questão: “Por que é que um místico cristão sempre tem visões cristãs, e não as de um budista? Por que é que um budista sempre vê as figuras do seu próprio panteão e não, por exemplo, Jesus ou a Madona?” (SCHOLEM, 1997, p. 17).

Scholem (1997) ressalta que os visionários são incômodos para as instituições religiosas. Mesmo partindo do já instituído, eles com-

prometem o funcionamento da hierarquia religiosa. Para aqueles que enxergam mais, a autoridade mais profunda não é o líder espiritual legalmente estabelecido e sim a visão. Ver é poder. Padre Cícero, Maria de Araújo, as outras beatas e poetas como João de Cristo Rei e Severino do Horto fazem parte dos inúmeros devotos que despertaram a repressão da Igreja porque viam, no escuro, a “Nova Jerusalém”. Memória íntima e coletiva de olhos fechados.

A “Nova Jerusalém” se fez como um caleidoscópio. Não se deu à visão de modo idêntico. Em certos casos, as diferenças entre as figurações chegaram a provocar algumas querelas e acusações mútuas. Por exemplo: Campina (1985) avaliou que muitos romeiros desobedeciam o Padre Cícero:

Vá para o Horto rezar como eu conheci os romeiros em 1920, quando eu cheguei aqui em Juazeiro do Norte. Os romeiros e o povo iam todos calados rezando o rosário da Mãe de Deus. Mal diziam, quando se encontravam uns aos outros: ‘Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo’ e outros respondiam: ‘Para sempre seja louvada a Nossa Mãe Maria Santíssima’. [...] Depois foram se afastando, só se dava bom-dia. Agora é o fulano e outras coisas que inventaram; o nome de Deus, se anojam dele, como disse meu Padrinho Cícero em sua profecia. [...] O mundo mudou muito, muito, muito, contanto que o nome de Deus se apagou neste ponto. Hoje, quem disser assim, leva é o nome de fanático ou doido. Nunca vi, porque se fala o nome de Deus, é ser doido; fanáticos são aqueles que dão crença a coisas que são fora da Santa Lei de Deus. Eu ouvi uma moça dizer que tem uma estátua de um homem guardada, e, quando quer adquirir ganho ou dinheiro, ela coça a barriga da estátua e depressa aparece emprego para ela. Fanatismo é assim, não é quem reza as rezas de Deus, não. E de Nossa Senhora. Eu digo aos romeiros: ‘Não dê gosto a Satanás, vá para o Horto rezar e depois volte para sua casa com todo respeito’. Olhe, aquele lugar foi levantado ali ainda seis colunas para se fazer uma igreja para o Sagrado Coração de Jesus, para chover nesta terra, que foi promessa do Meu Padrinho Cícero. [...] Repare como é que o povo de hoje vai ao Horto. Não vai rezar, não. Vai é como quem vai voltear em uma avenida ou como quem vai fazer um piquenique, um

passaio. É por isto que não chove. Tudo isto é os demônios dos infernos tentando. Chega lá, mal se benze e se levanta e vai voltar pela praça. E outros rezam ali uns Padre-Nossos e se levantam e vão olhar a estátua e pensam que meu Padrinho Cícero gosta disso. Ele quer é reza, não é ninguém olhar para a estátua dele, não. Que ele é um grande santo, não gosta destas besteiras, não." (CAMPINA, 1985, p. 193).

Se eram poucos os que se cumprimentavam como no passado, quando se dizia "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", isso podia ser interpretado por um devoto como sinal de profanação. Mas no âmbito da multiplicidade de crenças da cidade, tal mudança era apenas uma entre várias, já que não havia unanimidade de sentido entre os atos de devoção. Mesmo o tempo tendo levado certas tradições, isso não significava desânimo religioso no espaço do Horto. Os processos de sacralização do Horto sempre mostraram sinais de grande vitalidade, através da reinvenção de rituais, em urdiduras que preservavam certas tradições e, ao mesmo tempo, criavam novas formas de exercícios da fé.

Juntamente com as crenças em torno da "Nova Jerusalém", constituiu-se, pouco a pouco, uma infinidade de lugares sagrados na tortuosa ladeira que levava ao topo da serra onde foi colocada a grande estátua do Padre Cícero. Além das várias capelas erguidas e administradas por devotos e devotas, apareceu uma multiplicidade de territórios da fé, como, por exemplo, a pedra com duas concavidades, que foi definida como o lugar onde Nossa Senhora se ajoelhou. No meio de várias casas apertadas pela falta de recursos, surgiram inúmeros lugares do sagrado: desde o oratório de cada sala até moradias que assumiram a condição de pequena igreja não oficial. A casa do Sr. Joaquim foi uma das que se transformaram em lugar de devoção mais coletiva. Lá, ele fez um grande altar para a "Dança de São Gonçalo". Bem perto, morou a "Mãe Dodô", que havia transportado para Juazeiro a fé nos poderes de Pedro Batista, o líder carismático de Santa Brígida.

As devoções de Juazeiro constituíram-se nos mais variados sentidos. Nenhum dos rituais se compôs em um só enfoque: desde

o caminhar que fez a romaria até a inspiração que gerou o cordel, tudo assumiu as mais variadas tonalidades. Por exemplo: enquanto João de Cristo Rei escreveu como quem fazia oração, Abraão Batista fez sua métrica em uma religiosidade quase analítica. A forma pela qual Cristo Rei mostrou a fonte da sua narrativa diferiu da tonalidade explicativa de Abraão Batista. Para um melhor entendimento dessa questão vale a pena articular um rápido paralelo entre duas composições. Cito, primeiramente, o início do folheto “O que diz Meu Padrinho Cícero Sobre a Santa Romaria”, de Cristo Rei, e, logo após, um trecho da “História Verídica e o Milagre do Padre Cícero no Ano de 1947”, de Abraão Batista:

Relembrando o tempo antigo
duma saudosa memória
vou de meu Padrinho Cícero
descrever mais uma estória
para o romeiro de fé
gravar em sua memória

(Cristo Rei).

Eu, nos versos coloquei
o milagre desse romeiro
que acredita no Espírito
em Jesus e no cruzeiro
nos milagres do Pe. Cícero
e do santo Juazeiro

(Abraão Batista).

A distância entre os dois folhetos não está somente no fato de Cristo Rei ter conhecido o Padre Cícero. O estilo diferenciado da escrita (um fazendo-se em devoção-narrativa e o outro em devoção-explicativa) é indício de modos diferenciados de vivenciar a crença. O tom explicativo aproxima-se de um catolicismo iluminista e o narrativo é parte das devoções que, até a década de 1970, foram violentamente reprimidas pela Igreja. Em tal circunstância, é significativo notar que, enquanto Cristo Rei escreve “Padrinho Cícero”, Abraão Batista refere-se ao “Pe. Cícero”.

Em cada folheto ou em cada narrativa oral que faz de Juazeiro a “Nova Jerusalém”, o ato de escrever ou de falar com maior ou menor intensidade reformula e seleciona. Em outros termos: há uma multiplicidade de crenças que estão em constante cruzamento, em perene formação de novas conexões, a partir de “maneiras não autorizadas de caçar”, como diria Certeau (1994).

Maria de Araújo e as outras beatas falaram a partir de princípios da Bíblia, mas de uma maneira que feriu os direcionamentos da Igreja. Foi nesse múltiplo processo de criação a partir das tradições que os devotos fizeram a sacralidade de Juazeiro: desde a postura de padres como Cícero Romão, até o caminhar dos romeiros. Desde o escrito de uma “cronista ilustrada” como a professora Amália Xavier até o cordel de Cristo Rei, Severino do Horto ou Manoel Caboclo. Com o passar do tempo, as ligações diretas ou indiretas entre todos esses personagens tornaram-se infinitas.

O território religioso de Juazeiro não era simplesmente o reino da confiança, do absoluto. As experiências religiosas faziam-se em um campo de tensões, permeado de certeza e dúvida. Como definição *a priori*, o sagrado é o absoluto, mas quando vislumbrado não como definição e sim como vivência socialmente engendrada, o sagrado insere-se em um complexo jogo de relatividade, ou melhor, de crenças que dependem da circunstância.

Em tal multiplicidade é impossível localizar a origem de certa crença ou certa arrumação discursiva, mas sim alguns documentos que, com o passar do tempo, assumiram a condição de “matriz excitante”, quer dizer, de texto estimulante para a devoção dos visionários, como é o caso do folheto “Machadinha de Noé”, que foi lido, escutado e memorizado por uma enorme legião de devotos. Por outro lado, “a Machadinha”, cuja autoria é atribuída ao Padre Cícero, guarda forte inspiração nas profecias do Frei Vidal que, por sua vez, têm semelhança com o Apocalipse.

Estamos no tempo do fim do mundo, segundo os sinais preditos por Nosso Senhor Jesus Cristo, antes da sua sagrada morte e paixão. Converti-vos e arrependei-vos dos vossos grandes pecados. Disse Nosso Senhor Jesus

Cristo: quando vires pestilências, fomes, guerras, revoluções, *nação contra a mesma nação, reino contra reino*, que são as novas formas de governos, repúblicas, ditaduras, bolchevismo ou comunismo, como hoje está convertida a Rússia em um governo anti-cristão, forma de governo esta que brevemente se espalhará por toda face da terra.³

Em seu depoimento, João de Cristo Rei afirmou:

O fim do mundo está próximo, só num temos certeza. Porque essa certeza do tempo, o ano e o dia, está com Deus e ele não deu a ninguém, disse que isso aí só o pai sabe. Nem a Nossa Senhora num foi confiado porque se ela soubesse pedia e ele suspendia. Então está perto, estamos vendo o fim do mundo pelos sinais... Os sinais são esses: *reino contra reino, nação contra nação*.⁴

De acordo com a “Machadinha de Noé”, a data do fim é um grande mistério: “X. T. X. T. X. T. porque serão confundidos, porém os justos serão salvos, Jesus Cristo virá buscá-los, nos dias destas letras: ‘X. A. I. X. I. 3’. 19 séculos da morte de Jesus Cristo, os mortos ressuscitarão antes deste acontecimento.” Se o tempo final é indefinido, o espaço não o é. Será a “Nova Jerusalém” o lugar onde tudo vai acontecer: do desencanto do Horto até o fim do mundo.

Além da Bíblia e da “Machadinha de Noé”, outro escrito que marcou a vida de Cristo Rei foi o testamento do Padre Cícero, que era reproduzido em vários livros sobre a vida do “Santo de Juazeiro”. No citado folheto “Profecia de Padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do Horto e o rio Jordão”, o poeta afirmou que uma das profecias do Padre Cícero era a seguinte: “Então a Igreja do Horto há de ser, / Para se fazer no tempo futuro / Pela mesma planta por mim reservada / Que deixo guardada em lugar seguro”. No testamento, escrito em 1923, Padre Cícero não fez uma profecia e sim um pedido, mas fica claro que o poeta memorizou alguns termos: “[...] peço aos beneméritos padres salesianos que concluam êste templo de acordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em folha-de-flandres que deixo em lugar seguro”.

Se há uma comparação entre Cristo Rei e outros poetas de Juazeiro, percebe-se que o Padre Cícero é um tema central, mas as fontes de inspiração ou as formas expressivas não são iguais. Se o “Lunário Perpétuo” é das uma fontes primordiais para Manoel Caboclo, o mesmo não acontece com João de Cristo Rei. Enquanto o “Almanaque Juízo do Ano”, feito e impresso por Manoel Caboclo, inspira-se em conhecimentos da astrologia e da numerologia, a poética de Cristo Rei bebe significados no Apocalipse, ou no Apocalipse em sua versão mais local, isto é, na “Machadinha de Noé.”

Com bastante justeza, Câmara Cascudo ressaltou que o “Lunário Perpétuo” foi durante dois séculos o livro mais lido nos Sertões do perímetro espacial hoje conhecido por Nordeste. O livro dava informações sobre História da humanidade, astrologia, física e toda sorte de remédios. Mesmo sem maiores exames pela diferença dos hemisférios, os prognósticos ligados à meteorologia eram acatados como sentença.

Foi um dos livros mestres para os cantadores populares, na parte que eles denominavam ‘ciência’ ou ‘cantar teoria’, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia. Decoravam letra por letra. É volume responsável por muita frase curiosa, dita pelo sertanejo, e que provém de clássicos dos sécs. XVI, ou XVIII. A primeira edição é de Lisboa, em 1703.⁵

É possível dizer que o “Juízo do Ano” é uma versão fragmentada e ampliada de alguns conhecimentos do “Lunário Perpétuo”. Mas essa é uma inferência injusta, pois o “Juízo do Ano” é bem mais que isso. Trata-se de uma criação que incorpora muitos outros elementos, como as crenças em torno do Padre Cícero e Juazeiro.

Se há muitos espaços sagrados em Juazeiro, isso significa que existem várias narrativas que os constituem de modos diferenciados. As inúmeras histórias dos devotos não são simplesmente formas de descrever, mas também vivências que se nomeiam na medida em que são dimensões constitutivas do sentido que se dá à “Terra da Mãe de Deus”. Referir-se à multiplicidade de lugares implica

entrar em contato com um caleidoscópio de histórias contadas e cantadas, vividas e sonhadas, histórias do que aconteceu e do que vai acontecer, feitas de sagrado encarnado, nas mais variadas dimensões: na letra e na voz; na romaria e no santuário doméstico; nas táticas de sobrevivência e na luta pela salvação.

Se muitas histórias fazem um santo; se muitos santos fazem uma história; se histórias e santos materializam-se na garganta, no ouvido, no olho, na pele e no nariz; se tudo isso também se compõe em territórios, estátuas e objetos, é porquê tal urdidura de significados constitui-se na concretude material do cotidiano. Trata-se de um “materialismo animista”, como bem falou Alfredo Bosi (1992, p. 324).

À medida que tudo é mágico e misterioso, tudo é muito concreto, como a história da mulher que virou cobra porque falou mal do Padre Cícero. Tal narrativa não apresenta abstrações teológicas e sim a transformação material, nítida para os olhos da fé. O fato não se compõe no espírito abstrato e sim na carne. Foi na carne da pecadora que o poder da Divina Providência se manifestou. Trata-se de uma vivência sensorial, ou melhor, corporal.

O sagrado manifesta-se na concretude material, como a carne, o sangue e a terra. Entre esse mundo e o outro não há fronteira definida. Afinal, o “Além” costuma manifestar-se na materialidade do mundo. “Mundo encantado”, como diria Max Weber.

Em tal religiosidade, as narrativas referem-se a casos que acontecem na materialidade do viver e, em alguns momentos, não há uso de palavras e sim de pedaços do corpo. Para narrar uma graça alcançada, agradecer ao santo e registrar o fato miraculoso, recorre-se ao ex-voto. Se a mão estava inflamada, depois da cura a mão é reproduzida em madeira e levada à terra sagrada, onde fica depositada. Se o problema reside no coração, o coração é reproduzido. Se a enfermidade está na cabeça, a cabeça é reproduzida. Há uma tradução escultórica do lugar afetado. O ex-voto repete o corpo doente, como prova de que ele ficou curado. São esculturas narrativas: todas contam um milagre, como se fossem folhetos de cordel em que a letra e a voz não conseguem traduzir, com profundidade, o que aconteceu.

Em certas ocasiões, o ex-voto é, literalmente, um pedaço do corpo. Não raramente, o romeiro faz promessa para cortar o cabelo em Juazeiro, deixando-o na cidade como ex-voto. Em outros casos, o objeto-memória do milagre é um acessório do corpo, como a roupa, a muleta ou a bengala. Há situações em que o ex-voto é o abrigo do corpo, ou seja, uma casa em miniatura, evidenciando que o devoto realizou o sonho da casa própria.

Trata-se de um universo infinito de objetos, tais como: fotografias, certificados de datilografia ou de primeiro grau, sapatos, chinelas, vestidos de noiva e toda sorte de utensílios domésticos ou agrícolas. Há, também, galinhas e outras aves esculpidas em madeira ou em outros materiais. São indícios de quem recebeu, do “Padrinho”, a dádiva que faz o sertão renascer e que revelam a vida que brota com a água que vem do Céu.

Em Juazeiro, o ritual de levar o ex-voto sempre traz a marca de um contato com o Padre Cícero – o santo glorificado em face da graça alcançada. Levar o testemunho concreto do milagre do Padre Cícero, contar e ouvir histórias sobre seu poder, esfregar a imagem do santo em seu túmulo ou esfregar-se no monumento do Horto são dimensões inextricáveis do “materialismo animista” de Juazeiro.

Há uma comunicação entre espaço e objeto, que é induzida pelo romeiro. Comprar a imagem do Padre Cícero em Juazeiro não é o bastante. É preciso colocá-la em simbiose com a terra. Para torná-la sagrada, é necessário esfregá-la no túmulo do “Padrinho”. Objeto e espaço interagem, então, em diálogo virtual e, ao mesmo tempo, rigorosamente concreto.

Depois da inauguração da grande estátua do Padre Cícero, um dos rituais dos romeiros foi abraçar o monumento. Esfregar-se na ponta da batina ou agarrar-se com a bengala tornou-se prática comum. Rituais que se operam criando (con)fusões nas dicotomias sujeito-objeto, sujeito-espaço ou ainda homem-natureza. É por isso que tal religiosidade se compõe na historicidade do “espaço do corpo”, como diria José Gil (SANT’ANNA, 1997).

Desde o tempo do sangue derramado, Juazeiro é um lugar para pedir e agradecer. Recipiente de promessa e ex-voto, como se fosse uma grande orelha, pronta para escutar a todas as histórias. O

romeiro vem munido de voz e ex-voto, porque falar com a garganta nem sempre é o bastante. Há coisas que só os objetos sabem dizer, assim como há vozes que só o espaço pode escutar.

Encantado e encarnado, escrito e falado

José Bernardo da Silva nasceu em Alagoas, no dia dois de novembro de 1901. Para escapar da seca de 1915, migrou para Pernambuco, onde começou a trabalhar na lavoura. Casou-se em 1924 e, em dezembro de 1926, fez a sua primeira romaria para Juazeiro, em uma viagem a pé que durou mais de duas semanas. Foi e resolveu ficar. Para sustentar a mulher e a filha, arranhou o emprego de vendedor ambulante de raízes medicinais. Além disso, improvisou, na periferia da cidade, roças de milho e feijão. No vaivém da feira de Juazeiro, José Bernardo tomou gosto pelos folhetos de cordel. Passou a vendê-los e, com pouco tempo, começou a ensaiar a composição de alguns versos. Não se transformou em um poeta de larga produção, como João de Cristo Rei ou Expedito Sebastião da Silva. Por outro lado, montou em 1926 uma tipografia que, durante as décadas de 40, 50 e 60, seria um dos maiores centros de confecção e distribuição de folhetos do Nordeste (BARROSO, 1989, p. 72).

Como lembra o poeta Expedito Sebastião da Silva, no folheto “Resumo Biográfico de José Bernardo da Silva”, o sucesso da gráfica era de dar gosto: “E a tipografia São Francisco / se desenvolveu ligeiro / tornando-se conhecida / por este Brasil inteiro / graças à bênção que lhe deu / o santo de Juazeiro”. (CARVALHO, 1987, p. 72).

Em certa medida, o poeta Manoel Caboclo seguiu o caminho de José Bernardo. Também montou uma tipografia e, do final dos anos 50 até o início da década de 80, ocupou o lugar de grande produtor e distribuidor de cordéis, orações e do “Almanaque Juízo do Ano”.

Além de matriz da inspiração e lugar onde era escrito o folheto, Juazeiro era o espaço onde havia oficinas de impressão. Tratava-

se de uma complexa rede de produção e distribuição de palavras que levava as histórias do “Padrinho Cícero” para as mais remotas paragens da caatinga. Interagindo com esse pólo difusor de narrativas estava o próprio ato de nomear. Em Juazeiro se fez uma saturação de nomes que remetiam ao poder do sagrado. No que diz respeito a uma “mitologia das origens”, foi se constituindo nas tradições orais a ligação de um padre virtuoso com a árvore mais resistente do Sertão:

Pode tá a maior seca do mundo, mas tá o pé de juá, fazendo sombra. Porque o juazeiro é difícil de morrer. Tem raiz assim pra baixo, que vai caçar água lá no fundo do chão. Quando morre um pé de juá é porque já se acabou foi tudo. No meio da seca: tá lá o juazeiro. Parece um milagre. E o Juazeiro vem dum pé de juazeiro. Num tinha nada, só três pé de pau. E aí ficou Juazeiro do Meu Padrim Cícero, porque foi aqui que ele morou. Essa cidade todinha... era só três pé de juá [...] E ainda tá lá, na Praça Padre Cícero, que antigamente era Praça Almirante Alexandrinho. Perto da estátua dele, da coluna da hora. E hoje é uma cidade dessa. É um mistério! (Depoimento de um romeiro, 1990).

Aí todo pé de juazeiro tem espim, né? Mas o pé de juazeiro do Meu Padrim é todo bem lizim, sem espim. Já tem muito tempo, que aqui era só esses pé de juazeiro. Então era os juazeiro do Meu Padrim. Você pode ver tá lá na praça e você pode procurar e não encontra nenhum espim. (Depoimento de um romeiro, 1990).

Contava-se que, nos anos 30, certo morador de Juazeiro fez uma aposta. Garantiu a um forasteiro que qualquer nome de santo pronunciado corresponderia a determinada rua de Juazeiro. Iniciou-se então, uma longa lista: São José, Santo Agostinho, São Paulo, São Pedro, Santa Luzia, Santa Clara, São Francisco, São Sebastião, Nossa Senhora da Conceição. Até que veio a citação de São Jerônimo, colocado de imediato como um santo para o qual não haveria uma rua. Contrapondo-se ao interlocutor, o juazeirense assegurou que o desafio ainda estava de pé: “esse aí está na Rua Todos os Santos”.

Tal narrativa, contada como parte de um anedotário, era mais um indício da sacralidade de Juazeiro. Não só como um traço que estava em sintonia com a cultura dos romeiros, mas também como monumento do sentido que o Padre Cícero deu para as ruas da região central. A quase todas as ruas, o Padre Cícero deu o nome de um santo – procedimento que muito revelava sobre a sua ligação com a sacralidade do lugar onde ele havia sonhado com as palavras do Salvador, orientando-Ihe para ali mesmo fazer sua morada e sua missão.

José Bernardo da Silva tinha sua tipografia não simplesmente em Juazeiro, mas em Juazeiro do Padre Cícero, mais especificamente na Rua Santa Luzia. Contudo, não era só isso, pois José Bernardo batizou o seu “ganha-pão” de Gráfica São Francisco, que era e ainda é o santo de maior popularidade no Ceará.

Manoel Caboclo, que, em certa medida, foi o sucessor de José Bernardo, morava e trabalhava em uma rua cujo nome conseguia definir sua vida, sua gráfica, seus cordéis e seu Almanaque Juízo do Ano: Rua Todos os Santos.

A partir de uma promessa, João Quinto Sobrinho transformou-se em João de Cristo Rei, mostrando a força de sua religiosidade e baldeando o modo de pensar daqueles que pretenderam enquadrar Juazeiro em classificações congeladas. Para muitos romeiros Cristo Rei era sinônimo de Anti-Cristo, ou Rei dos Comunistas. Mas, foi exatamente de um romeiro-poeta, de um poeta-profeta, que veio a autonegação João de Cristo Rei.⁶

Se a devoção de João Quinto Sobrinho fez nascer João de Cristo Rei, para outros fiéis o novo batismo não era fundamental e em alguns casos tornava-se desnecessário. Por exemplo: o nome completo da Beata Maria de Araújo era Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo. Como acontecia pelos sertões, tal nome era um ato de devoção ou, mais especificamente, representava o pagamento de uma promessa feita pelos pais.

Uma das medidas tomadas por D. Joaquim em fins do século XIX foi proibir o batizado de crianças com o nome Cícero. Mas o Palácio Episcopal nada conseguiu a esse respeito, pois os Cíceros e as Cíceras

continuaram a nascer. Em certos casos, até houve o aproveitamento do nome completo Cícero Romão Batista. Uma das afilhadas do “Patriarca” nomeou sua prole do seguinte modo: um filho chamou-se Batista, uma filha batizou-se como Cícera e a irmã gêmea ficou com o que restava, isto é, Romana.

Severino José da Silva era o seu nome, mas como existiam muitos severinos, ele virou Severino do Horto, em uma poética do cotidiano cuja profundidade foi transfigurada em palavras por João Cabral de Melo Neto no seu antológico “Morte e Vida Severina”.

Foi em 1999, na sua pequena loja de artigos da fé, que conheci Severino. Um compartimento feito de madeira e flandres, com cerca de seis metros quadrados, localizado no meio de várias outras barracas enfileiradas que também vendiam toda sorte de lembranças de Juazeiro, como chaveiros, copos de alumínio, camisas de meia e uma enorme variedade de imagens e retratos do Padre Cícero ou de outros santos, além de raízes medicinais, o famoso Bálsamo Padre Cícero e a igualmente conhecida Pomada Padre Cícero, que de acordo com o rótulo cura qualquer tipo de enfermidade. Tudo isso em cima da Serra do Horto, logo atrás da grande estátua do Padre Cícero inaugurada em 1969.

Depois de mostrar interesse em conhecer a História de Juazeiro, pedi que ele contasse a vida do Padre Cícero, para ficar registrado no gravador. A conversa se deu em seu lugar de trabalho, quer dizer, na sua loja, apertada e improvisada, como as outras que ali estavam. Assim era mais viável porque, enquanto falava, não ficava impedido de vender sua mercadoria. Depois, a sua voz na fita magnética tornar-se-ia quase inaudível, porque as outras barracas deixaram seus equipamentos de som no último volume. Enquanto um tocava Sandy e Junior, outro relembrava os sucessos de Waldick Soriano. Ainda era possível ouvir, ao longe, a fita estridente dos Benditos do Padre Cícero.

Nesse primeiro encontro, as histórias do poeta Severino, durante mais de uma hora de conversas, ficaram registradas em seu enigma fundador: uma (con)fusão de temporalidades que misturam sagrado e profano, presente e passado, tudo em uma lógica

pouco canônica. Atualizações de memória e esquecimento do sangue que fertilizou a imaginação dos sertanejos.

No desenrolar da entrevista, emergia uma força ancestral, um tom poético e profético que articulava voz e gestos em torno dos mistérios de Juazeiro. Não era um simples informante, e sim um missionário pregando o poder do rosário e a glória de Nossa Senhora das Dores, a padroeira de Juazeiro do Padre Cícero. A fé calcada nas tradições dos romeiros aproximou Severino das narrativas que fundam e reinventam a sacralidade de Juazeiro. Nesse íntimo contato com a urdidura de memórias em torno da cidade, sentiu-se seduzido pela idéia de escrever folhetos de Cordel. Era uma forma de expressar sua fé de um modo mais concreto e, ao mesmo tempo, uma tática para ganhar algum dinheiro:

[...] eu gosto sempre de saber das coisas de Juazeiro, aí até dá pra fazer um versinho [...] porque o romeiro gosta muito de saber das histórias do tempo do Meu Padrim Cícero, e compra esses folheto. (Severino José da Silva).

Severino José da Silva nasceu em 1922, no interior de Pernambuco. Aos nove anos, começou a lidar com a terra. A morte precoce do pai deu-lhe, ainda na infância, a responsabilidade de trabalhar para o sustento da mãe, três irmãs e um irmão. Como vários outros sertanejos, Severino logo ganhou gosto de ouvir poetas de cordel, cantadores em desafio e as várias histórias que se contava sobre os milagres do Padre Cícero. Com pouco mais de vinte anos, Severino fez sua primeira romaria. Da terra onde morava e trabalhava sempre saíam levas de peregrinos em busca de Juazeiro. De tanto ouvir casos de curas e outros prodígios, Severino decidiu conhecer de perto o lugar que nutria sua fé.

Em 1949, ele veio morar em Juazeiro. No meio de vários outros migrantes, Severino sentia-se envolvido pela possibilidade de encontrar emprego em uma cidade que rapidamente crescia. Trabalhou como servente, pedreiro e depois foi ser agricultor em cima da Serra do Horto, perto da grande casa construída pelo Padre Cícero em 1907. Lugar que os romeiros transformaram em uma “casa

de ex-votos". Foi nos arredores desse espaço sacralizado pelos peregrinos que Severino tirou o sustento para a esposa, dois filhos e uma filha.

A vida de Severino confunde-se com a história de vários outros migrantes que fizeram o alargamento da periferia de Juazeiro, desde as primeiras transformações da hóstia em sangue. Assim como Severino, a grande maioria dos migrantes – que faziam a cidade aumentar de tamanho estava movida pela fé nos poderes do Padre Cícero. Afinal, a busca por uma melhor condição de vida se entrelaçava, muitas vezes, com vivências do sagrado.

Constituindo-se em espacialidades flexíveis, marcadas por cruzamentos de temporalidades e fronteiras transitórias, Juazeiro crescia em um processo de urbanização marcado por romarias, movimentos migratórios e um rápido alargamento da pobreza nas regiões periféricas. Severino é parte dessa história. Um rosto no meio de vários outros Severinos, desvalidos do Sertão que procuravam escapar da escassez na Terra do Padre Cícero.

Como tantos outros migrantes, Severino continuou a ter uma vida difícil pela falta de recursos. Na tentativa de aumentar o pouco dinheiro que ganhava, tornou-se poeta de cordel no início dos anos 70. Não era mais Severino José da Silva e sim Severino do Horto, um devoto seduzido pela idéia de fazer rimas sobre os mistérios da fé.

No folheto "O Papa em todo Brasil e Jesus Ressuscitado", Severino diz: "Começo bem inspirado / na nova Jerusalém / falando sempre a verdade / os anjos digam amém / pra eu vender o meu verso / na estrada do progresso / Jesus me ajuda também". Antes de ser uma tática de oratória usada em vários cordéis, esse enunciado revela que a inspiração de Severino, e de muitos outros poetas, engendra-se nas urdiduras da sobrevivência. No caso de Severino, essa relação entre escapar da escassez e fazer poesia estava permeada de sagrado: "Padre Cícero me abençoe / achando a rima certa / porque o tempo chegou / a vida fica deserta / nos mande o santo padre / eu vou dizendo a verdade / porque ela me liberta". Trata-se de um poeta-devoto, que fez morada em Juazeiro do Padre Cícero: "Aqui Jesus derramou / na hóstia o sangue divino / na Matriz de Juazeiro /

conheço desde menino / agora resolvi rimar / pra meu Padrinho ajudar / o poeta Severino". (Severino do Horto).

Severino faz parte de um heteróclito conjunto de poetas-devotos, como João de Cristo Rei, Manoel Caboclo ou José Bernardo da Silva. Encarna a peleja de uma tradição que atualiza, em múltiplas faces, as narrativas sobre os poderes do Padre Cícero. É um dos que recriam a sacralidade de Juazeiro, ritualizando a fundação da Terra da Mãe de Deus.

Severino do Horto continua e reinventa a tradição poética que se constitui em Juazeiro nos anos 30, com os primeiros cordéis de João de Cristo Rei e a montagem da gráfica do poeta José Bernardo da Silva. Antes, já havia uma produção em torno da temática, como os versos de Leandro Gomes de Barros, que foram publicados no jornal "O Rebate", um pequeno semanário criado em 1909 para defender a autonomia política de Juazeiro. Mas, o assunto só foi ter uma linha editorial mais permanente e avolumada depois da década de 30, com a produção de poetas como João de Cristo Rei e Manoel Caboclo.

"Foi com o incentivo de Manoel Caboclo que eu comecei a fazer uns versos", disse Severino durante uma entrevista em 1999. Para imprimir seus folhetos, Severino quase sempre usava a gráfica de Manoel Caboclo. Nesses contatos, ia ampliando conhecimentos sobre a arte de fazer e vender folhetos. Para complementar o sustento da família, Severino vendia também a produção de outros poetas, como o grande sucesso editorial do amigo Manoel Caboclo, o "Almanaque Juízo do Ano."

Outra grande influência na produção de Severino foi João de Cristo Rei:

João era muito meu amigo. Eu até já fui vender uns versos com ele na Paraíba. Ele sabia muita coisa aqui de Juazeiro, porque ele conheceu ainda o Padrinho Cícero. Eu não conheci. O que eu escrevo é de história que o povo mais antigo conta, e escrevo com a minha fé.

(Severino do Hortal).

Nos cordéis de Severino, é possível vislumbrar as várias camadas de tempo que se cruzam na espacialidade de Juazeiro. Sua trajetória como romeiro e depois como migrante que foi para Juazeiro em busca de trabalho confunde-se, em certa medida, com a experiência vivida por vários outros devotos do Padre Cícero. O traço que o distingue em relação aos milhares de fiéis é sua peleja em registrar essa religiosidade na métrica do cordel.

Além de tática de sobrevivência e forma de oração, o cordel de Severino evoca uma liturgia da memória, uma vontade de vencer o esquecimento. Quase sempre de modo explícito, há um desejo de afastar o olvido em toda sua obra, desde os folhetos que enfocam os poderes do Padre Cícero ou a sacralidade do Horto até os que abordam a morte de Frei Damião, do Presidente Tancredo Neves ou de pessoas da sua convivência, como os cordéis “Um crime misterioso no pé da Serra do Horto – marido mata a mulher com 60 peixerada” e “Dor de uma Mãe,” que conta a história de uma adolescente que foi violentada e morta.

Em “Um crime misterioso”, Severino termina sua narrativa com uma nota do autor: “O autor reserva o direito de propriedade na cópia fiel da ortografia sem emenda, nem corrigenda, para conservar a memória do Poeta, no compêndio da recordação de Maria Inácio Lima. Nasceu a 27-03-1932. Faleceu 11-12-1997”. No fim do folheto “O Horto em Grande Reforma,” Severino diz: “[...] para conservar a memória do Poeta na reforma da Casa do Horto feita em 1907 e reformada em 1999.” Nesses folhetos, o *post scriptum* apenas confirma (ou explicita) um traço marcante de toda sua obra: o desejo de livrar, através das rimas, alguns fatos do esquecimento.

Entre as várias memórias que não podem ter fim, emerge a lembrança da morte. Mortes de grandes vultos, como Frei Damião e Tancredo Neves, ou de habitantes de Juazeiro que findaram em grandes tragédias. Não se trata somente de uma estratégia de vendas que explora a popularidade de fatos dramáticos. É uma memória-homenagem; uma forma de aliviar a perplexidade diante da morte, narrando-a e explicando-a no campo da fé católica.

Severino faz uma poética militante. Assumindo a condição de poeta destemido, não economiza palavras para se contrapor aos que maculam a imagem de Juazeiro ou do Padre Cícero. No folheto “Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo”, ele assegura que o Bispo era um servo do “Bispo invejoso”. Mesmo reconhecendo que o Papa é o líder supremo da cristandade, Severino articula a seguinte ponderação:

Digo sem pedir segredo
o Papa é o maior do mundo
é João Paulo Segundo
que prega uma missão sem medo
é sucessor de São Pedro
é maior chefe cristão
se ajoelha e beija o chão
mais só passa ser romeiro
se visitar Juazeiro
do Padre Cícero Romão.

(Severino do Horto).

Sentir a poética de Severino significa percebê-lo como um poeta-devoto que escreve com a voz de quem está rezando. Métrica de mistérios do sagrado e das táticas de sobrevivência. Inspiração colada nas vivências do cotidiano e na esperança da vida eterna, com as graças do Padre Cícero. Severino fez do cordel uma forma de expressar sua vida de peregrino que migrou para a cidade do Padre Cícero, com a certeza de ter a proteção de Nossa Senhora das Dores. De todas as dores do mundo.

Notas

* Doutor em História Social (PUC-SP). Professor do Departamento de História da UFC.

1. Jornal “O correio do Ceará”, 19/12/1961.

2. Nesse imaginário, quem tem o olhar amputado possui o dom da voz poética, como é o caso do Cego Aderaldo. Conforme as inferências de Paul Zumthor (1997), a história da poesia oral através de várias culturas apresenta uma certa constância: “a cegueira de muitos cantores”. Não raramente, “as tradições ligavam à cegueira a idéia de uma vocação particular e de uma aptidão maravilhosa para difundir as obras da voz...” (ZUMTHOR, 1997, p. 221-240).

³. Grifo nosso.

⁴. Idem.

⁵. "Registra um pouco de tudo, incluindo astrologia, receitas médicas, calendários, vidas de santos, biografia de papas, conhecimentos agrícolas, ensinos gerais, processo para construir um relógio de sol, conhecer a hora pela posição das estrelas, conselhos de veterinária. Na edição de 1921, [...] há o seguinte processo para 'Tirar qualquer bicho que tenha entrado no corpo. Quando o bicho ou cobra entrar no corpo de alguma pessoa, que estiver dormindo, o melhor remédio é tomar o fumo de solas de sapatos velhos, pela boca, por um funil, e o bicho sairá pela parte de baixo; coisa experimentada'. Fala também em eclipse, terremotos, geadas. É um livro de valor, mostrado aos entendidos." (CASCUDO, 1988, p. 446).

⁶. A invocação de Cristo Rei, propagada pelo Papa Pio XI no final de 1925, encontrou em Juazeiro uma forte oposição. Em um folheto intitulado "O Aviso do advogado da religião contra a vinda do Anti-Cristo," o poeta assim se manifestou: "Todos os cães se reuniram / fizeram uma eleição, / formaram de Lúcifer, / um rei pra toda nação. / Deixou a triste enxovia / para ver se assim podia / laçar a todo cristão / Atitularam o maioral / com o nome de Cristo-Rei". (CASCUDO, s. d., p. 111-112).

Referências

ALVES, Joaquim. Juazeiro, cidade mística. **Revista do Instituto do Ceará**, t. 62, 1948.

BARBOSA, Walter. **Padre Cícero**: pessoas, fotos e fatos. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1980.

BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1989.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CAMPINA, Maria Conceição Lopes. **Voz do Padre Cícero e outras memórias**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CARVALHO, Gilmar de. Editoração de folhetos populares no Ceará. **Revista de Comunicação Social – UFC**, Fortaleza, v. 17, 1987.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1988.

_____. **Vaqueiros e cantadores.** [S. l.]: Tecnoprint, [s. d.].

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DINIS, Manoel. **Mistérios de Joazeiro.** Joazeiro: Tip. Joazeiro, 1935.

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. **O folclore no Cariri.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

MONTENEGRO, Abelardo. **História do fanatismo no Ceará.** Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1959.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas.** São Paulo: Senac; Marca d'Água, 1998.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado – episódios que vivi e fatos que testemunhei.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

PONTES, Mário. **Doce como o Diabo (o demônio na literatura de cordel).** Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

SANT'ANNA, Denise. Entrevista com José Gil. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 5, n. 2, 1997.

SCHOLEM, Gershom. **A cabala e seu simbolismo.** São Paulo: Perspectiva, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec; EdUC, 1997.

Abstract

The text approaches some aspects of the mixture of sacred and profane in the formation of Juazeiro space, focusing especially the movement of memories which have made and still make the narratives variety about “New Jerusalem”.

Keywords: Juazeiro, Father Cicero, pilgrims, space, sacred, profane, memories, narratives.